

Modernismo em tempo real*

Heloísa Buarque de Hollanda

Carlos & Mário, livro lançado pela Editora Bem-Te-Vi, reúne as cartas trocadas por Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade, restabelecendo o diálogo entre os dois grandes poetas modernistas

Sem sombra de dúvida, a grande homenagem editorial do centenário de Carlos Drummond de Andrade foi a publicação impecável de *Carlos & Mário* pela Editora Bem-Te-Vi. Explico por que.

O primeiro motivo que imediatamente salta aos olhos, é seu valor documental. Ao longo das cartas e notas, entramos em contato direto não apenas com os bastidores da história e do ideário modernista, mas sobretudo com o processo de formação do código genético de uma estética que até hoje é a grande referência artística e literária na cultura brasileira. A publicação das cartas inéditas de Carlos Drummond agora sincronizadas com as de Mário de Andrade, anteriormente publicadas com o título *A Lição do amigo* e organização do próprio Drummond, restabelece o diálogo “em tempo real” entre os dois grandes poetas modernistas. Ao lado da organização da correspondência, é ainda digna de nota a extensa pesquisa iconográfica que ilustra o volume, ambas resultado da aguda sensibilidade editorial de Lélia Coelho Frota.

A primeira carta é de Carlos, datada de 28 de outubro de 1924. Ou seja, logo após a excursão dos modernistas às cidades históricas de Minas Gerais durante a Semana Santa, viagem que é considerada o estopim da virada nacionalista do modernismo. Já nas três primeiras cartas de uma correspondência só interrompida pela morte de Mário de Andrade em 1945, a bandeira nacionalista é colocada pelo modernista com o empenho de compromisso pedagógico na formação do jovem poeta mineiro. Escreve Mário em 10 de novembro de 1924: “Você é uma sólida inteligência muito bem mobiliada... À francesa. Com toda a abundância do meu coração eu lhe digo que isso é uma pena. Eu sofro com isso. Carlos, devote-se ao Brasil junto comigo.” Ao que Carlos reage: “Não sou ainda suficientemente brasileiro. Mas, às vezes me pergunto se vale a pena sê-lo. Pessoalmente, acho lastimável essa história de nascer entre paisagens incultas e sob céus pouco civilizados. (...) Sabe de uma coisa? Acho o Brasil infecto. Perdoe o desabafo que a você, inteligência clara, não causará escândalo”. Polarizados de pronto entre um eurocentrismo

* Texto publicado originalmente na Revista Cult, n. 68, ano VI, em 2003.

que passou horrorizar a Mário e um brasileirismo do qual Drummond tinha sérios receios, desenrola-se, nessa vasta correspondência, ao vivo, o debate central da estética modernista pós semana de arte moderna.

Na mesma direção, a leitura dedicada e meticulosa de mestre Mário dos poemas do jovem Carlos, na primeira fase da correspondência, revela de forma quase comovente, o processo de conversão de Drummond ao modernismo. É sintomática nesse sentido uma carta de 1914 (sem data), na qual Mário observando ser Carlos “ainda muito civilizado antes-da-guerra pra cair de chofre no primitivismo desse século XX”, comenta cuidadosamente cada poema de *Minha Terra tem palmeiras* nos oferecendo elementos raros do processo de construção e imaginação da poética modernista. Vale sublinhar o debate sobre o erro, outra chave importante da estética marioandrada. Ao receber entusiásticos elogios por ter ousado a regência incorreta do verbo chegar em “chega *na* estação”, Carlos retruca com firmeza. “Você gostou da regência. Pois eu não gostei, e agora que peguei o erro vou emendá-lo. Isto é modo de ver pessoalíssimo: correção ou incorreção gramatical. Sou pela correção. Ainda não posso compreender seus curiosos excessos. Aceitar tudo o que vem do povo é uma tolice que nos leva ao regionalismo.” Por outro lado, a réplica Mário é taxativa: “Foi uma ignomínia a substituição de *na* estação por *à* estação só porque em Portugal paisinho desimportante pra nós diz assim (...) A aventura em que me meti, Carlos, é coisa séria já muito pensada por mim. (...) estou num país novo e na escuridão completa dum noite. Não estou fazendo regionalismo. Trata-se de um estilização *culta* da linguagem popular da roça como da cidade, do passado e do presente”. Por si só, os subsídios que esta publicação oferece para pesquisadores e historiadores da literatura, já fariam justiça ao esforço editorial visível em *Carlos & Mário*.

O segundo motivo e o que realmente me tocou na viagem que é a leitura completa, redonda, dessas cartas e seus subtextos mais tensos, foi o contato com um genial ensaio sobre o afeto, a felicidade, a contingência e sobretudo a amizade. No início o mestre quer mudar o discípulo, “fazer você que nem eu” (como diz Mário numa carta de 1929), catequizá-lo, trazê-lo para a frente modernista, fazer de Carlos seu amigo. Critica o modo de ser contido, prudente, “de gabinete demais” de Carlos, a quem lhe parece faltar o “espírito da mocidade brasileira”, que se permite “dizer asneiras, ser transitório, imbecil”. Um tempo de amizade em construção com momentos de entrega e interlocução fascinantes como as cartas em que Carlos descreve seus sentimentos controversos, um misto de inquietação e de alegria desenganada, às vésperas de seu casamento com Dolores

Morais. Ou a terrível carta onde conta a morte de seu primeiro filho que “viveu apenas meia hora”. Mário respondendo sempre a tempo e a hora, generoso, defensor da amizade como categoria de pensamento, aquele que sabe encenar como ninguém a alegria e a felicidade. Mário e sua angustiada impossibilidade de solidão. Do outro lado Carlos, o cauteloso, os sentimentos chegando com prudência, aquele que responde dando tempo ao tempo, sem grandes projetos de mudança. Carlos e sua solidão trágica.

Carlos & Mário é o belo desenho de uma longa amizade. E como toda amizade, feita de doação, rejeições, pequenas traições, grandes solidariedades, desencontros, reencontros. Uma história de sentimentos profundos, de afetos e angústias. Se no início, Mário de Andrade era o mestre modernista conduzindo, com clara ascendência, o jovem poeta Carlos Drummond, a partir de um certo momento, o discípulo se agiganta e torna-se poeta maduro e reconhecido nacionalmente. Mário se orgulha do discípulo, aflige-se, descobre-se inseguro. Critica *Alguma Poesia* em carta de 1. de julho de 1930: “Seu livro é excessivamente individualista. Há uma exasperação egocêntrica enorme nele.” No caminho, acumulam-se desconfianças, desavenças políticas, pressões dos bastidores e intrigas da vida pública, desentendimentos nunca suficientemente explicados. Carlos associa-se aos tenentistas mineiros na revolução de 30. Mário, constitucionalista apaixonado, vai para as trincheiras em 1932. Drummond vai para o Gabinete de Gustavo Capanema, Ministro da Educação e enreda-se numa “lida infundável de burocrata”. Mário torna-se Diretor do Departamento de Cultura de São Paulo, de onde é exonerado em 1938, transferindo-se temporariamente para o Rio de Janeiro. No Rio, os amigos pouco se falam, raramente se encontram. Somente após a volta de Mário para São Paulo, a correspondência entre os dois é retomada. Confessa Carlos, em 1988, no prefácio à *A Lição do Amigo*: “Foi preciso que Mário voltasse a morar em São Paulo, para recomençar o ciclo da comunicação escrita. Ciclo reiniciado, pesa-me dizê-lo, após uma fase em que se sentiu ferido por mim, sem que me fosse dado o ensejo de justificar-me pois nunca me escreveu sobre o que sentia ou por que o sentia”. Um mal estar anunciado em carta excepcionalmente bela de 19 de maio de 1929. Escreve Mário para Carlos: “De primeiro você me comovia, o jeito de você me esfolava o jeito meu, somos fundamentalmente diferentes na maneira de ser. Isto é, de ser não porque a base de nós dois é a mesma timidez diante da vida. Você como se esquivou à jogatina. Eu joguei tudo numa cartada só. Estou desconfiando que perdi, não sei.”

É importante notar que tanto Carlos quanto Mário, em momentos diferentes da correspondência, apontam uma certa intermediação da invenção literária na condução da

escrita das cartas e mesmo na exposição de sentimentos pessoais. É neste limite impreciso que o leitor tira o encanto maior da leitura de *Carlos & Mário*.

Demorei um pouco para entrar no verdadeiro diferencial dessa edição da correspondência entre os dois poetas. E este é o surpreendente *entrelugar* onde se coloca o terceiro poeta que compõe esta polifonia. Falo das notas e comentários de Silviano Santiago. Aparentemente Silviano, professor de erudição amplamente reconhecida, comporta-se, mais uma vez, com critério e seriedade e elabora um estudo introdutório definitivo acompanhado de extensas notas de rodapé, construindo um meticuloso e necessário contexto para a melhor compreensão da correspondência entre Carlos & Mário.

Entretanto, uma observação mais atenta, percebe um certo “excedente” tanto neste texto introdutório quanto nestas notas críticas. Percebe também uma certa irregularidade metodológica, ou melhor, uma certa transgressão das normas técnicas editoriais, na composição das notas. Ora as notas informam, ora comentam, ora dialogam, ora falam em solo. Percebe ainda um certo abuso na utilização diversificada dos “materiais” dessas notas: citações, poemas, textos não diretamente informativos, secas referências bibliográficas, *hiperlinks* arbitrários. Às vezes Silviano parece um comentarista bem informado, às vezes um *metteur-en scène*, outras um iluminador teatral. Percebe-se ainda que, aos poucos, o crítico-poeta se estabelece reflexivamente entre as vozes de Carlos & Mário e constrói sua própria voz, na brecha da ambiguidade “técnica” que imprime à composição dessas notas.

É nesse ponto que me veio à memória o possível lugar desse tipo de escrita no conjunto da obra de Silviano Santiago. Não me refiro apenas à sua conhecida dedicação ao estudo dos gêneros menores, com acentuada predileção pelos documentos íntimos como a biografia, autobiografia, diários e cartas. Penso mais na sua atividade puramente ficcional. Penso no autor de *Em liberdade*, *Stella Manhatam*, *Keith Jarret no Blue Note* e tantos outros. Na perspectiva que extrai do jogo de reflexos e da cumplicidade profunda que produz entre autor, crítico, narrador, personagem. Ou mesmo na recorrência de uma agressiva pergunta sobre a verdade do narrador.

Numa entrevista recente, quando indagado sobre o que está fazendo no momento, o Professor Silviano responde: “Quando não estou costurando para fora, escrevo uma linha a mais de minhas memórias que vão se chamar *O falso mentiroso*”. Nesse sentido, não vale citar o professor: “Introdução e notas estão aqui para elucidar esse ou aquele ponto impreciso. Podem ser dispensáveis”.